

# **EXPERIÊNCIAS AMOROSAS E CONJUGAIS ENTRE JOVENS LGBTT DO INTERIOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Eduardo Steindorf Saraiva<sup>1</sup>

Joana do Prado Puglia<sup>2</sup>

Camila Deufel<sup>3</sup>

**RESUMO:** Através da aplicação de um questionário em mais de 150 sujeitos, de ambos os sexos, com orientações afetivo-sexuais reconhecidas como homossexuais, heterossexuais e bissexuais, fizemos um levantamento de várias questões envolvendo expectativas sobre relacionamentos amorosos e sexuais. Neste resumo apresentamos as respostas de homens e mulheres do universo LGBTT de algumas cidades do interior do estado do RGS.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amor, conjugalidade, sexualidade, homoerotismo.

## **PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA**

Na atualidade os arranjos amorosos e conjugais vêm passando por uma série de transformações. Tais mudanças não estão restritas às configurações, também apontam para possibilidades de ressignificação dos tradicionais padrões normativos. Ou seja, outras produções de sentido, conceitos e práticas, tanto na forma de conjugar amor e sexo, quanto na forma de ser e viver o sentimento de casal, de família, etc. No entanto, sabemos que as noções de amor, casamento, sexualidade e religião estão historicamente entrelaçadas. O casamento religioso instituiu as possibilidades de vivência amorosa, definindo o amor dentro do casamento, e o amor fora do casamento. Somado a isso, têm-se as regras da vivência da sexualidade.

As fórmulas históricas da institucionalização do casamento, incluindo o discurso religioso e o discurso romântico, estão na base do processo de nuclearização da família

---

<sup>1</sup> Coordenador da pesquisa. Professor do Departamento de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: eduardo@unisc.br

<sup>2</sup> Psicóloga colaboradora na pesquisa. E-mail: joanapuglia@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Psicologia da UNISC. Bolsista do projeto de pesquisa. E-mail: camiladeufel@hotmail.com

e da heterossexualização do laço conjugal, associados à emergência de uma concepção de indivíduo moderno e a uma noção de amor ligada a esta concepção<sup>4</sup>. Trata-se de processos históricos de individualização, de interiorização dos sentimentos, que foram modelando práticas e formas de ser. Processos históricos que instam ao cultivo da interioridade e à obrigação da subjetivação (FOUCAULT, 1999; 2004), algumas das características que configuram a noção de indivíduo na modernidade ocidental (HEILBORN, 2004; VELHO, 2003; 2004).

Problematizar tais “fórmulas” significa investigar suas permanências e mudanças através da escuta dos sujeitos em sua singularidade e da observação dos seus padrões de relacionamento afetivo e sexual. Pois as “escolhas amorosas” colocam em cena tanto os elementos psíquicos que estão referidos ao sujeito e sua história de vida (subjetividade, identidade etc.), quanto os efeitos dos discursos que circulam na cultura sobre o amor e a importância do laço conjugal na vida dos indivíduos.

O antropólogo Gilberto Velho (1980), apoiado em Viveiros de Castro e Araújo (1977), trabalha com uma concepção antropológica da categoria “amor”, mostrando que ela está indissolavelmente ligada à noção de indivíduo. Conforme Velho (2002), indivíduo significa uma construção histórica e social circunscrita a sociedades específicas, portanto sem relação alguma com um construto natural, ou da natureza. Corroborando com essa perspectiva teórica, o psicanalista Contardo Calligaris (1994, p.14) afirma que por sermos humanos não temos nada de “natural”, pois somos o efeito das relações intersubjetivas organizadas pela linguagem.

Como destaca Gilberto Velho (1986), o casamento para os segmentos mais modernos da sociedade contemporânea, caracteriza-se por uma escolha recíproca, baseada em critérios afetivos, sexuais, e na noção de amor. Conforme Heilborn (2004, p.119), “amor representado na qualidade de um ‘sentimento’, oriundo do mundo das emoções e, como tal, percebido como escapando à determinação social”. Heilborn (2004) refere algumas pesquisas desenvolvidas por Bellah et al<sup>5</sup>. (1986) e destaca destas, a conclusão a que os autores chegaram acerca de um modelo vigente na sociedade contemporânea, que seria o de um “individualismo utilitário e expressivo”.

---

<sup>4</sup> Viveiros de Castro e Araújo, 1977 In Velho, G., 2003.

<sup>5</sup> BELLAH, Robert et al. *Habits of the heart: individualism an Commitment in American life*. Nova Iorque, Harper and Row, 1986.

Para os autores, as formas de adesão ao casamento, vividas pelos sujeitos de hoje, visam uma “realização do sentido de bem-estar individual mais do que a de imperativos morais” (Bellah et al., 1986, p.47 In Heilborn, 2004, p.118). As traduções que os sujeitos empregam para a vivência amorosa foram classificadas por Heilborn (2004) de “reino por excelência da afetividade e da determinação individual”, algo que expressa os valores associados à noção de pessoa, tal como construído na modernidade.

Desde uma perspectiva psicanalítica, Lejarraga (2002) utiliza a descrição freudiana do amor como um “sentimento” para diferenciá-lo da “sexualidade”. Isso porque na teoria freudiana há uma distinção entre sentimento e sensação, embora muitas vezes sejam noções imprecisas e que não se diferenciam. Entretanto, não são comuns na linguagem freudiana corrente, as expressões “sensação amorosa” ou “sentimentos de prazer”. Para Freud, conforme Lejarraga, o paradigma do sentimento é o amor ou o ódio. E o protótipo da sensação é a categoria de prazer e de desprazer. Sensação remete ao percebido pelos órgãos sensoriais ou à percepção interna de estratos profundos do aparelho anímico.

Jurandir Freire Costa (1998) sugere diferenciar conceitualmente “sentimento” e “sensação”. Sua hipótese é de que o amor nasceu na “Era dos Sentimentos” e hoje, na “Era das Sensações”, tende a agonizar. Para o psicanalista, nos dias atuais “vivemos numa dupla moral: de um lado, a sedução das sensações; de outro, a saudade dos sentimentos”. (p.21). Propõe distinguir sensação e sentimento, sendo as sensações respostas mentais a estímulos corporais, geralmente irreflexivas e automáticas. E os sentimentos, respostas mais reflexivas e de maior complexidade lingüística. Na mesma tendência teórica, Lejarraga (2002, p.72) afirma que “os sentimentos são hábitos afetivos construídos pela prática da intimidade e da introspecção, relacionados geralmente a valorações morais”. Sensações são reguladas pelo trinômio dor, prazer e desprazer, tendo no corpo um dos indicadores de avaliação e reconhecimento. Já a satisfação sentimental difere da satisfação das sensações, pois o “*eu moral* pode se satisfazer com aquilo que deixa insatisfeito o *eu corporal* ou com o que nada tem a ver com prazeres sensoriais”. (COSTA, 1998, p.211)

Lejarraga (2002) propõe que o amor corresponda ao sentimento, e a sexualidade à sensação. Tendo como referência Wittgenstein, a autora afirma que amor e sexualidade seriam dois jogos de linguagem diferentes, com suas regras próprias. No

amor se idealiza o outro pelos seus atributos morais, seus valores e qualidades. Na sexualidade, que é da ordem da sensação, deseja-se o corpo do outro pelas suas qualidades físicas, o outro é idealizado como fonte de sensações eróticas, de prazer sensorial. Outro elemento que a autora aborda é o da “temporalidade”, pensando que a experiência amorosa é mais prolongada, e o desejo sexual, mais momentâneo, efêmero.

### **HOMOCONJUGALIDADES**

A experiência do “assumir-se gay” ou “sair do armário” (SEDGWICK, 2007) é um fenômeno social em evidência na sociedade contemporânea e tem relação com os “campos de possibilidade” (VELHO, 2003). A condição homossexual se reconfigura, bem como seus antigos estigmas (GOFFMAN, 1994), tais fatores estão intrinsecamente relacionados ao processo do “assumir-se” (SARAIVA, 2007). Porém, quais as condições de possibilidade ou de identificações positivas para a saída da condição desviante? A constituição de um casamento seria uma possibilidade? Assumir para o mundo através do casamento, ou seja, da identidade social de casal? Tal como afirma Heilborn (2004, p.142) “se, de um lado, é a esfera interna que provê a unidade da díade, de outro, é a dimensão externa, ao representar sua face pública, que reforça substancialmente a identidade”. Este argumento em forma de citação vale tanto na heteroconjugalidade quanto na homoconjugalidade. Há, ainda, o argumento de Foucault (2004), no qual denuncia a reprodução do laço de casamento como uma forma de reconhecimento da relação pessoal. Em ambos os argumentos, casamento e identidade estão muito implicados. O que não deixa de causar espanto, considerando todo o contexto já descrito de autonomia do indivíduo e da noção de “escolha” pautando as conjugualidades. O projeto de conjugualidade vem se apresentando como imperativo, com poucas alternativas em relação ao modelo sexual conjugal oriundo da heteronormatividade. Ressalto as considerações de Foucault sobre o empobrecimento do tecido relacional e das possibilidades de relações em nossa sociedade, pois

(...) as instituições tornam desgastadas e necessariamente raras todas as relações que poderiam ser estabelecidas com um outro e que poderiam ser intensas, ricas, embora provisórias, mesmo e sobretudo se não ocorressem dentro dos laços do casamento. (FOUCAULT, 2004, p.122)

Heilborn (1996) se refere a um novo cenário social das relações homoeróticas (ou “homocorporais”), no qual estaria ocorrendo uma fragilização na forma hegemônica de interpretação do “modelo” homoerótico fundado na oposição de gênero e da lógica

da atividade/passividade. A autora refere que no “modelo moderno” há uma dissolução desta binaridade, que é estigmatizante principalmente para o pólo passivo da relação, levando a uma maior simetria entre os parceiros. Ela localiza a expressão dessas mudanças principalmente entre sujeitos de camadas médias e altas dos centros metropolitanos.

### **PESQUISA: aspectos metodológicos e discussão dos resultados**

Nosso principal objetivo foi conhecer, através de um instrumento de pesquisa que nos possibilitasse abranger um grande número de sujeitos, as práticas e as expectativas amorosas de homens e mulheres do interior do estado do Rio Grande do Sul. Criamos um questionário e o dividimos em blocos temáticos. Um primeiro bloco para averiguar sexo, gênero, idade, profissão, camada social, religião, cor/raça, orientação afetivo-sexual, grau de escolaridade, etc. No segundo bloco foram feitas perguntas em torno do “vínculo atual”. Os objetivos foram obter categorias que definissem *vínculo amoroso*, *sexual* ou *amoroso-sexual*. Listar os principais aspectos atribuídos pelos sujeitos à escolha dos seus parceiros e ou parceiras, fossem eles: físicos, de comportamento, ambos. E ainda, obtermos algumas definições para vínculo *estável* e *instável*.

No terceiro bloco, são perguntas sobre as relações anteriores à atual. Perguntas sobre o tempo de duração da última relação, fatores que contribuíram para o rompimento. Ainda, sobre passagens adolescentes e decepções amorosas. Um dos principais objetivos desse bloco foi obter definições para o que é uma *boa relação* e o que é uma *relação ruim*. E nesse sentido, quais os atributos necessários para se estabelecer uma relação amorosa e\ou uma relação sexual.

Nos três últimos blocos as perguntas estão relacionadas à família de origem, sexo e violência. O bloco “família de origem” visou obter as impressões dos sujeitos sobre a relação conjugal dos seus pais, a relação de cada um dos entrevistados com os seus pais ou figuras familiares, e também entre irmãos. E a impressão d@s mesm@s sobre possíveis marcas familiares que possam repercutir nas suas escolhas amorosas. As perguntas giram em torno dos aspectos mais subjetivos das identificações, repetições e da relação com os ideais de relação conjugal ou amorosa.

Há, ainda, algumas perguntas com respostas fechadas sobre a relação entre

sexo e amor. E no final, perguntas sobre violência, visando saber se sofreram alguma forma de violência em relacionamentos, ou se foram [autor@s](#) de violência.

Finalizada a aplicação do questionário na população heterossexual, decidimos fazer uma leve modificação para aplicá-lo à população LGBTT, sendo que nosso campo ficou reduzido a gays, lésbicas e bissexuais. Nessa alteração incluímos a categoria gênero, além de sexo, e perguntas sobre o significado e representações das práticas sexuais passivas e ativas.

Para a efetiva e contextualizada análise das respostas dos sujeitos desta pesquisa, considerou-se importante situá-los desde o horizonte concebido pela noção de “pessoa” na modernidade, por um lado; e por outro, pela noção de sujeito construída pela psicanálise. Sobre a noção de pessoa:

(...) há, portanto, um quadro de linhas variadas que confluem para a construção da pessoa moderna. Essas vertentes dizem respeito à distância entre os corpos, à organização do espaço, à produção da intimidade e da sensação de singularidade radical, assim como à forma de conceber e exprimir o sentimento amor. (HEILBORN, 2004, p.67)

### **Síntese das respostas do universo gay que respondeu ao questionário**

Vinte e cinco jovens do sexo masculino responderam ao questionário. A faixa etária entre 18 e 44 anos de idade. A maioria se declarou de cor branca, pertencentes às camadas médias do interior do estado do RGS, com profissões variadas. O grau de escolaridade preponderante foi o terceiro grau incompleto. Praticamente todos se identificam com alguma prática religiosa/espiritual, sendo a maioria católica. Dentre o universo de respostas sobre a orientação afetivo-sexual, a maioria dos entrevistados se reconhece “homossexual”.

No tópico *sexo e gênero*, todos os sujeitos se reconheceram no sexo masculino. Em relação à categoria gênero, a grande maioria se reconhece como masculino, mas também encontramos as seguintes respostas: “feminino” e “ambos”. As justificativas reforçaram a independência entre opção sexual (categoria empregada pelos entrevistados) e gênero. Ou seja, o fato de desejarem afetiva e sexualmente uma pessoa do mesmo sexo, não modificava o seu gênero. Sentir desejo e atração por outro homem, não os torna mulher. No entanto, reconheceram que a feminilidade não é um atributo

único e específico das mulheres.

Sobre *relacionamento atual*, a grande maioria está solteira. Poucos namorando, e apenas um em relação (união) estável. Além dessas categorias, também responderam “casos”, “ficando” e “amante”. Dentre as definições para o relacionamento, a grande maioria o definiu como “amoroso-sexual”. As justificativas foram bastante objetivas, indicando a presença de sentimentos, tal como o amor, no vínculo com o sexo. O tempo da atual relação variou de menos de 1 mês a 4 anos.

Além desses aspectos, os entrevistados que estão em alguma forma de relacionamento, o definiram como homossexual. Apenas uma pessoa o qualificou como sendo bissexual. Ou seja, apesar de um significativo número de indivíduos perceberem-se bissexuais, no âmbito dos relacionamentos são os homossexuais que estão, na maioria, em alguma forma de relacionamento, principalmente namorando.

Sobre a *motivação para a escolha* do parceiro, destacou-se a combinação dos traços físicos com os de personalidade, tais como: “ser carinhoso”, “inteligente”, “personalidade forte”, “atraente”, “energia recíproca”. Tais características dos parceiros não foram associadas com traços de origem familiar, no sentido de semelhança com pai, mãe, etc. A maioria dos entrevistados que estão em alguma forma de relacionamento, o considera “instável”, principalmente pelas diferenças nos objetivos e projetos de vida de cada um dos parceiros.

No bloco de perguntas sobre *relacionamentos anteriores*, a quase totalidade dos indivíduos respondeu que já viveu alguma relação amorosa, principalmente namoro, mais especificamente entre 1 e 8 relações. Desses últimos relacionamentos, poucos foram heterossexuais, a grande maioria foi homossexual. O tempo médio de duração foi de 7 meses a 1 ano. Sobre os *motivos que contribuíram para o rompimento*, os mais lembrados foram “ciúmes” e “traição”, seguidos de outros como “diferenças”, “desgaste” e “discriminação” (auto discriminação e também discriminação do meio familiar).

Os sujeitos não comparam os relacionamentos atuais com os passados. Em relação ao passado, a grande maioria afirma que viveu um grande amor ou paixão na adolescência, que foi classificada como “amoroso-sexual”. Esses relacionamentos foram heterossexuais para um pouco mais da metade dos entrevistados, a outra parte já tinha

vivido um relacionamento homossexual. Nenhuma dessas relações da adolescência se mantém atualmente.

Dentre as *decepções amorosas* mais marcantes, a “traição” do parceiro foi a mais lembrada. Também citaram rompimentos motivados por “medo da discriminação” e “falta de coragem” do parceiro. Em relação aos *motivos associados ao término* de um relacionamento destacaram, principalmente, a “ausência do respeito”, seguido da falta de “cumplicidade”, de “confiança” e de “sentimentos”.

Uma *boa relação* foi identificada como aquela em que existe “cumplicidade”. Somado à cumplicidade, destacam-se “carinho” e “respeito”. E também uma boa relação sexual. A *relação ruim* ficou caracterizada como aquela marcada pela “mentira”, “desrespeito” e “traição”.

Para estabelecer uma *boa relação amorosa* com um parceiro, precisam sentir atração (beleza física), e a partir daí desenvolver um relacionamento com sentimentos recíprocos, objetivos em comum e confiança. Para uma *relação sexual*, importa a beleza, a atração física, mas também algum elemento de afinidade.

A grande maioria teria uma relação amorosa-sexual com alguém de cor diferente da sua. Da mesma forma, com alguém de uma religião diferente. Em relação a uma pessoa do outro sexo (mulher), mais da metade teria algum tipo de relacionamento, sexual ou amoroso-sexual. No entanto, a outra metade não teria nenhum tipo de relacionamento com alguma mulher.

Sobre a família de origem, a maioria respondeu que a relação dos pais não foi um modelo positivo de relação, pelo fato de serem muito perturbadas. Por essa razão não comparam os seus relacionamentos com o de seus pais. Em relação aos vínculos da infância, a grande maioria se percebeu mais ligado afetivamente à mãe, seguido dos avós e de irmã. Na adolescência, a mãe se manteve na frente, porém com um número bem expressivo de respostas indicando a presença de amigos e namoradas (os). Atualmente percebem-se mais identificados com a figura da mãe.

Para os entrevistados, sexo e amor “andam juntos”, no entanto não fazem sexo somente com amor. As primeiras relações sexuais “não foram por amor”. A maioria não viveu uma relação amorosa sem sexo, e não viveria. Associam a prática sexual ativa com prazer, bem como a prática sexual passiva.



Um número significativo de entrevistados já sofreu algum tipo de violência em relacionamento. Destacaram as violências morais, físicas e psicológicas. Apenas um denunciou. Também a maioria se diz não ter sido autor de violência.

### **Síntese das respostas do universo de lésbicas que responderam ao questionário.**

Das respostas sobre *sexo e gênero*, a quase totalidade das 25 mulheres fez correspondência entre sexo e gênero. Três delas responderam “ambos” no tópico gênero. Da mesma forma que os homens, as mulheres entendem que a “opção sexual” não modifica o gênero. Ou seja, o fato de desejarem outras mulheres não as torna homens.

A maioria das mulheres se intitula católica, mas um percentual significativo não tem religião. A faixa etária variou de 17 a 41 anos, maioria branca, pertencentes às camadas médias, com profissões variadas. Grau de escolaridade ficou polarizado entre 3º grau completo e 2º grau completo. Em relação à orientação afetivo-sexual, além da maioria homossexual, um bom número se identifica como bissexual.

Sobre os relacionamentos atuais, mais da metade delas estão namorando ou ficando, entretanto um número expressivo está solteira. Apenas uma respondeu estar em união estável. Seus relacionamentos foram definidos como “amoroso-sexual”.

As que estão em alguma forma de relacionamento responderam que se trata de uma relação homossexual, apenas uma respondeu bissexual. E os motivos que despertaram o interesse em relação à parceira estão relacionados à combinação dos traços físicos com os de personalidade. Das justificativas, ressaltaram a força da admiração, ao mesmo tempo em que também valorizaram a “beleza” e a “atração física”. Valorizaram traços de personalidade semelhantes, ou seja, combinação por semelhança mais do que por diferenças. Tais características da parceira não foram percebidas como familiares, no sentido de remeter a algum traço de alguém da família de origem daquela que estava respondendo ao questionário.

Os relacionamentos atuais foram percebidos como “instáveis” pela maioria delas. Das justificativas, listaram: “falta de compromisso”, “pouco tempo de relação”, “imaturidade”.

Praticamente todas as mulheres já viveram algum relacionamento amoroso no passado, principalmente namoro. A maioria teve dois relacionamentos. Foram relacionamentos homossexuais, e alguns heterossexuais. O tempo médio de duração foi de 6 meses a 2 anos. *Motivos* associados aos rompimentos: “falta de carinho”, “falta de sentimentos”, “falta de reciprocidade”, “falta de perspectivas comuns”, “distâncias”, “diferenças” e “divergências”. Incluindo “ciúmes” e “traições”. Não comparam relacionamentos.

Na adolescência, todas viveram um grande amor ou uma grande paixão, homossexual para a maioria delas. Mas também viveram relacionamentos heterossexuais. Diferente das respostas dos homens, que responderam “amoroso-sexual”, a maioria das mulheres respondeu que essa relação adolescente foi a primeira relação “amorosa”. No entanto, nenhuma se mantém atualmente, principalmente em função de várias mudanças no tempo, na vida e nos projetos.

Sobre *decepções amorosas marcantes*, destacaram “rompimentos forçados pelo peso do preconceito”. Além desses, os rompimentos relacionados com “traições”. Nessa direção, responderam que uma relação amorosa acaba quando “não existe mais respeito entre as partes” e quando “não há mais fidelidade ou confiança”.

A *boa relação* é aquela em que existe, principalmente, “companheirismo”. Citados também: “confiança”, “carinho”, “respeito”. A *relação ruim* foi caracterizada como o vínculo no qual a “desconfiança” e o “ciúme” imperam. As “traições” e as “mentiras” foram muito lembradas.

Sobre o quê buscam em outra pessoa para estabelecer uma relação amorosa, uma frase sintetiza aquilo que a grande maioria relatou: “respeito e amor, porque fidelidade, companheirismo e coisas desse tipo nascem da combinação disso”. Mesmo para estabelecer uma *relação sexual*, as mulheres enfatizaram a importância dos sentimentos. Ou seja, uma combinação entre atração física e laço emocional.

Quando perguntadas sobre o tipo de relação que teriam com alguém de *outra cor*, a maioria respondeu que teria uma relação amorosa-sexual, no entanto também foi elevado o número de mulheres que respondeu “nenhuma” como alternativa. Já no tópico *religião diferente da sua*, não apareceu nenhuma resposta negativa, todas as mulheres estabeleceriam alguma forma de relacionamento, principalmente amoroso-sexual. Em

relação ao *sexo oposto*, a alternativa “nenhuma” relação obteve um número mais expressivo de respostas, mas a alternativa “amoroso-sexual” também obteve um bom percentual.

Seguindo a tendência dos outros segmentos, o tópico sobre a relação dos pais também indicou um número mais expressivo de respostas afirmando que tal relação “não foi um bom modelo”. Não vêm pontos de comparação entre os seus relacionamentos e aquele dos pais.

A maioria das mulheres indicou “avós” como as figuras parentais que mais se percebiam ligadas afetivamente na infância. Já na adolescência despontam as(os) amigas(os). Apesar disso, quando perguntadas sobre com quem da família se percebiam mais parecidas, a grande maioria respondeu ser a “mãe”.

Para a maioria das entrevistadas sexo e amor “andam juntos”. As respostas se dividiram quando responderam se somente faziam sexo com amor, com uma leve tendência ao “não”. Para a maioria delas a primeira relação sexual foi por amor. Também a maioria já viveu uma relação amorosa sem sexo, no entanto não viveriam mais uma relação amorosa sem sexo. Associam a prática sexual ativa com prazer, bem como a prática sexual passiva.

Apenas 3 mulheres afirmaram ter sofrido alguma forma de violência em relacionamento, e as autoras foram suas ex-parceiras. Os motivos foram: “apego excessivo”, “possessividade”, “ciúmes”, “falta de amor”. Também 3 foram autoras de violência, e o fato aconteceu quando descobriram traições.

## **DISCUSSÃO**

Em função do propósito deste resumo completo não apresentamos os dados obtidos através da aplicação do questionário aos sujeitos que se declararam “heterossexuais”, no entanto faz-se importante algumas considerações. Em comparação aos heterossexuais, o universo de gays e lésbicas apresentou um grande número de “solteiros”, além disso, a atribuição de “instabilidade” às suas relações também foi superior aos heterossexuais. Entendemos que tais características nos apontam para a forte presença do preconceito sexual, da homofobia, seja atribuído pelas famílias ou pela internalização do preconceito pelos próprios sujeitos homoeróticos. O preconceito

continua produzindo efeitos que dificultam as experiências do assumir-se gay ou lésbica.

Os sujeitos da pesquisa demarcaram diferenças entre um universo de sentimentos e outro, caracterizado por elementos sexuais, da ordem do “tesão”, da “química” e de atributos físicos, principalmente da beleza. O desafio de uma relação, pelas respostas que deram, é o de descobrir o quê vai estabelecer o elo entre esses dois universos e, além disso, mantê-lo.

Tanto os sujeitos heterossexuais quanto homossexuais, homens e mulheres, demonstraram que suas expectativas em relação aos vínculos amorosos estão pautadas na *valorização da reciprocidade dos sentimentos*, no estabelecimento da *confiança*, e no que poderíamos entender como uma *ética da relação*, pensada através da prática do “respeito”.

Finalizando, pudemos observar a presença de três grandes eixos de análise: a busca da correspondência entre sentimentos e prazer sexual; a busca de uma ética da confiança (seus correspondentes: parceria, cumplicidade, companheirismo) e uma ética do respeito e valorização do outro, tanto na sua diferença quanto nas proximidades que se afinam.

E ainda cabe destacar a presença da homofobia. Não reconhecida por uma grande maioria, sua presença instiga um trabalho analítico aprofundado. Trabalho que nos faz pensar sobre a transformação das diferenças em divergências, fenômeno tão presente quanto o anseio por cumplicidade e ausência de conflitos nas relações.

## BIBLIOGRAFIA

CALLIGARIS, C. O grande casamenteiro. In: CALLIGARIS, C. et al. *O laço conjugal*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1994.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício* : estudos sobre o homoerotismo. 2ed. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1992.

\_\_\_\_\_. *A face e o verso*. Estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Escuta, 1995.

\_\_\_\_\_. O referente da identidade homossexual. In: PARKER, R. e BARBOSA, Regina (orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.

\_\_\_\_\_. *Sem fraude nem favor*: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito*: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

\_\_\_\_\_. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994.

HEILBORN, Maria Luiza. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina M. (org.) *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro : Relume-Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.

\_\_\_\_\_. Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004.

LEJARRAGA, Ana Lila. *Paixão e ternura: um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2002.

SARAIVA, Eduardo. Encontros amorosos, desejos ressignificados: sobre a experiência do assumir-se gay na vida de homens casados e pais de família. In: GROSSI, Miriam P., UZIEL, Anna P., MELLO, Luiz (Orgs.) *Conjugalidades parentais e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

SEDGWICK, E. A epistemologia do armário. Cadernos Pagu (28), Campinas – SP, Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU/Unicamp, 2007.

VELHO, Gilberto. Projeto, Emoção e Orientação em sociedades complexas. In: FIGUEIRA, S.(org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1980.

\_\_\_\_\_. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. 5ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

\_\_\_\_\_. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. 3ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

\_\_\_\_\_. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3d. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

\_\_\_\_\_. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 7ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.